
PERCEPÇÃO DO RISCO ASSOCIADO AO CONSUMO DE ÁLCOOL, TABACO E DROGAS

José A. García del Castillo
Andreia Cordeiro
Universidad Miguel Hernández, España

(Recibido: 23/05/2009 – Aceptado: 25/06/2009)

RESUMO

O objectivo deste estudo foi conhecer as atitudes e opiniões sobre o consumo de álcool, tabaco e drogas, em estudantes do ensino secundário da cidade de Bragança, com idades compreendidas entre os doze e os quinze anos. Os indivíduos que constituíram a amostra frequentavam o sétimo, oitavo e nono ano de escolaridade, num total de 62 alunos de ambos os géneros. Os resultados demonstraram que relativamente ao consumo de álcool, tabaco e drogas 6,25% dos inquiridos consomem regularmente bebidas alcoólicas, 12,5% fumam habitualmente e 8,33% consomem drogas.

Através dos procedimentos efectuados concluímos que são os não consumidores que apresentam uma maior percepção do risco associado ao consumo de substâncias. Podemos ainda verificar que a experimentação dessas substâncias é iniciada cada vez mais precocemente. Uma das possíveis causas destes resultados poderá ser a falta de informação acerca das consequências do consumo destas substâncias, ou a vulnerabilidade dos adolescentes em cederem à experimentação das mesmas.

Palavras-chave: Consumo, atitudes, risco, tabaco, álcool, drogas, adolescência.

Correspondencia

José A. García del Castillo.
Instituto de Investigación de Drogodependencias (INID)
Universidad Miguel Hernández - Campus de Sant Joan.
Crta. Nacional 332, s/n Sant Joan D'Alacant - 03550
Teléfono: 965 91 93 19 / 43 • Fax: 965 91 95 66
Email: jagr@umh.es

ABSTRACT

The purpose of this study was to know the attitudes and opinions on the consumption of alcohol, tobacco and drugs, in students of the secondary education of the city of Bragança, aged between twelve and fifteen years. The Individuals who formed the sample attended the seventh, eighth and ninth years of schooling in a total of 62 pupils of both genders. The results showed that for consumption of alcohol, tobacco and drugs 6.25% of the respondents regularly consume alcohol, 12.5% smoke habitually and 8.33% consume drugs.

Through the procedures carried out we conclude that the 'no consumers' are the ones who had present a bigger perception of the risk associated with the consumption of these substances. We can also verify that the experimentation of the substances is initiated each time more precociously.

One of the possible causes of these results could be the lack of information about the consequences of consumption of these substances, or the vulnerability of the adolescents in yielding to the experimentation of the same ones.

Keywords: Consumption, attitudes, risk, tobacco, alcohol, drugs, adolescence.

1. INTRODUÇÃO

A aceitação social do consumo de álcool e tabaco contribui para o facto de estas drogas serem consumidas com maior frequência e em idades cada vez mais precoces. A nível científico há o reconhecimento de factores de risco psicossociais que afectam os adolescentes, entre os quais se destacam o ambiente familiar, a influência dos pais, as destrezas sociais e as características de personalidade.

Sendo a adolescência o início de um período de grande vulnerabilidade, devido aos aspectos biopsicossociais que o adolescente tem que enfrentar. Todos partilham o mesmo processo de crescimento e desenvolvimento, mas as características sociais e culturais de cada um influenciam o processo de "ser maior". O processo de desenvolvimento social implica para o adolescente cumprir certas tarefas, entre elas, estabelecer uma identidade pessoal e grupal além da separação gradual dos pais.

Entre os problemas externos que o adolescente terá que enfrentar, encontram-se as drogas. O fenómeno de consumo de drogas é altamente complexo, multi-causal, que não reconhece limites territoriais ou sociais, nem mesmo de idade. Portugal registou, no ano passado, valores abaixo da média europeia no que diz respeito ao consumo de álcool, tabaco e cannabis, estas conclusões constam do relatório anual da European School Survey on Alcohol and Drugs (ESPAD) (Hibell et al., 2009), que traça o cenário quanto à evolução dos consumos de substâncias psicoativas nos últimos quatro anos, entre os jovens de 35 países europeus que completaram 16 anos em 2003.

Da análise comparativa entre os valores registados nos 35 países, é possível inferir algumas tendências de consumos. Em relação ao tabaco, por exemplo, a ESPAD refere existir, na generalidade dos países, uma estabilização do consumo ou o decréscimo das prevalências, tendência acompanhada em absoluto pelos jovens portugueses. Os números confirmam que os valores médios da prevalência ao longo da vida desceram de 69%, em 1999, para 66%, no ano 2007 e, em termos da prevalência nos últimos 30 dias, desceu de 37 para 35%.

Quanto ao consumo de álcool, embora Portugal registe uma diminuição em termos do número de jovens consumidores, os 15% de adolescentes que admitem ingerir bebidas alcoólicas fazem-no mais intensivamente. “Embora a percentagem de consumidores de álcool não esteja a aumentar, entre os que consomem, os padrões de consumo são mais frequentes”, lê-se no relatório da ESPAD.

No que respeita aos factores associados ao consumo de droga não se pode dizer que há uma única razão que leve ao consumo de drogas mas sim vários factores que podem influenciar o consumo ou o *não consumo*. Estes factores podem ser individuais, sociais, familiares, ambientais e inerentes a cada substância. Existem também diferentes formas de consumo com diferentes significados e as razões que levam as pessoas a experimentar uma droga são diferentes das razões que as levam a ficar dependentes (Espada et al., 2003).

Na fase de experimentação, há um conjunto de factores que podem levar a esse consumo, dos quais se destaca: a curiosidade, a vontade de pertencer a um grupo, o desejo de diversão, o medo da exclusão do grupo, a disponibilidade da droga, a ilusão da resolução de problemas, uma representação positiva das substâncias, entre outros. Este consumo experimental poderá não conduzir a um consumo esporádico ou habitual mas pode também tornar-se numa dependência. O consumo

recreativo está associado à diversão e ao lazer, uma das suas principais características é a busca de um prazer imediato num contexto de dança ou diversão. O último estágio dos consumos é quando está instalada a dependência, o consumo passa a ser o principal objectivo e motivação na vida, tudo gira em seu redor.

Independentemente de todos estes factores, em cada caso há sempre um conjunto de factores que deverão ser analisados por um técnico especializado de modo a programar um programa terapêutico adequado.

Baseando-se em dados epidemiológicos e da psicologia do desenvolvimento social, Jessor (1998) identificou a pobreza, a desigualdade e a discriminação como principais factores de risco nos adolescentes para o consumo de drogas.

Para além disso, estudou também as funções sociais e pessoais desempenhadas pelo consumo de drogas em função das alternativas que o sujeito dispõe, o que permitiria sinalizar os indivíduos em risco e desenhar estratégias preventivas eficazes, possíveis graças à identificação dos factores que estão na base daqueles que exercem influência na qualidade dos comportamentos dos adolescentes, nomeadamente factores biológicos/genéticos, em que se inclui história de dependência na família, como factor de risco e a inteligência elevada como factor de protecção; o meio social em que se inclui a pobreza, a escassez de normas, a desigualdade racial e oportunidades ilícitas, como factores de risco e a qualidade da escola, a coesão familiar e os recursos de suporte social como factores de protecção; a percepção do meio com factores de risco a um nível de modelos de comportamentos desviantes, conflitos normativos entre os pais e os amigos, e como factores protectores os modelos de comportamentos convencionais e o elevado controlo do comportamento desviante; a personalidade em que a percepção de poucas oportunidades, baixa auto-estima e propensão para correr riscos são percebidos como factores de risco, a valorização da saúde e a intolerância ao desvio como factores protectores; o comportamento no qual problemas com álcool e outras drogas e baixo rendimento escolar apresentam-se como factores de risco, a participação em actividades escolares e em grupos religiosos como factores de protecção.

Desta identificação (Jessor et al. 2006), derivou uma conceptualização compreensiva e simultânea de todos os comportamentos de risco, que permitiu o desenho de intervenções orientadas para a mudança das circunstâncias que sustentam e favorecem a emergência de comportamentos de risco na adolescência.

Ao estabelecer uma causalidade recíproca ou bidireccional entre os diferentes constructos, constituindo-se como dinâmica e interactiva, esta teoria apresenta vantagens significativas com implicações importantes para a prática já que preconiza que se reduzam os factores de risco e se aumentem os de protecção, com o intuito de se alterar o estilo de vida dos jovens em maior risco nomeadamente aqueles que vivem em meios sociais adversos. Além disso, atribui grande responsabilidade ao contexto social na iniciação e manutenção de condutas de risco, elegendo como prioridade a melhoria das condições de vida como uma solução para o problema da delinquência.

2. METODOLOGIA

2.1. AMOSTRA.

A população de referência do estudo foi constituída por alunos do ensino secundário da cidade de Bragança, durante o ano lectivo 2005/2006. Para a realização deste trabalho seleccionaram-se aleatoriamente uma turma de cada ano de escolaridade, desde o 7º até ao 9º ano, correspondente a 62 alunos.

À amostra seleccionada foram excluídos 14 (22.58%) por omissões e erros nas respostas. A amostra foi constituída por 48 adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos, (média de idade = 13.25 e desvio padrão = 1.062). Todos os indivíduos participaram voluntariamente no estudo.

2.2. INSTRUMENTOS E VARIÁVEIS.

O instrumento de recolha de informação foi um questionário elaborado especificamente para esta investigação, constituído por 44 itens. As questões constantes deste questionário visavam obter informações sobre: dados sócio-demográficos; substâncias (álcool, tabaco e outras drogas – heroína, cocaína, ecstasy, LSD, anfetaminas, cannabis) e padrão de consumo no que respeita à frequência dos consumos, as motivações que levam ao consumo e a percepção do risco associado ao consumo de drogas legais e ilegais; opinião sobre o grau de perigosidade que é atribuída às diferentes substâncias; avaliação do comportamento dos adolescentes com ênfase nas condutas de risco realizadas sob o efeito de álcool e drogas; avaliação da informação possuída sobre a temática das drogas, nomeadamente a forma como foi recebida essa informação

e a avaliação que os adolescentes fazem da mesma; tendo sido recolhida ainda informação sobre o acesso às diferentes substâncias, intenções futuras no que concerne ao consumo dessas substâncias e opinião acerca da legalização das drogas.

2.3. ANÁLISE DE DADOS.

O procedimento estatístico seguido na análise dos dados foi efectuado utilizando o package estatístico SPSS 15.00.

Foi feita uma análise descritiva dos dados utilizando, essencialmente, tabelas de frequências. A análise bivariada foi feita através dos testes t-student, Mann-Whitney e teste p ou teste binomial.

As análises multivariadas aplicadas, por exemplo, no estudo da relação entre o grau de perigosidade associado ao consumo de várias substâncias e outras variáveis, foram feitas usando o teste de Kruskal-Wallis.

3. RESULTADOS

Relativamente à idade de início de consumo, esta varia entre os 5 e os 15 anos. A análise da taxa de consumo de álcool revelou que 3 dos inquiridos consumiam álcool, 37 responderam que não consumiam álcool, e 8 indivíduos consomem bebidas alcoólicas raras vezes.

No que diz respeito às situações em que acontece o consumo de bebidas alcoólicas, 9.09% responderam ser apenas ao fim de semana; 54.55% consomem em festas e 36.36% consomem bebidas alcoólicas quando saem com os amigos.

Relativamente ao número de vezes que os adolescentes já ficaram alcoolizados, 5 responderam que apesar do consumos de álcool nunca ficaram alcoolizados, 2 já ficaram alcoolizados uma vez, 1 respondeu que já ficou alcoolizado entre duas a quatro vezes e três dos inquiridos já ficaram alcoolizados mais de quatro vezes.

No que respeita ao consumo de bebidas alcoólicas por género os dados indicam que para o género feminino 94.74% “Não bebem” e 5.26% “bebem raras vezes”, e para o género masculino 10.34% “bebem”; 65.52% “Não bebem”; e 24.14% “bebem raras vezes”. Também podemos concluir que, de entre aqueles que bebem 100% são do género masculino; dos que “Não bebem” 48.65% são do género feminino e 51.35% são do género masculino; e aqueles que “bebem raras vezes” 12.50% são do género feminino e 87.50% são do género masculino.

No que respeita ao consumo de álcool por idade obtiveram-se os seguintes valores: dos inquiridos que responderam que consumiam bebidas alcoólicas 33.33% têm 12 anos, 33.33% têm 13 anos e 33.33% têm 14 anos. No que respeita aqueles que “Não bebem” 32.43% têm 12 anos, 35.14% têm 13 anos, 21.62% têm 14 anos e 10.81% têm 15 anos. Relativamente aqueles que “bebem raras vezes”: 12.50% têm 12 anos, 25.00% têm 13 anos, 12.50% têm 14 anos e 50.00% têm 15 anos. Também podemos ver que com idade igual a 12 anos, 7.14% bebem, 85.72% “não bebem” e 7.14% “bebem raras vezes”; com idade igual a 13 anos, 6.25% “bebem”, 81.25% “não bebem” e 12.50% “bebem raras vezes”; com idade igual a 14 anos, 10.00% “bebem”, 80.00% “não bebem” e 10% “bebem raras vezes”; com idade igual a 15 anos, 50.00% “não bebem” e 50% “bebem raras vezes”.

Ainda relativamente à idade de início de consumo de álcool, foi possível verificar que de entre os inquiridos que responderam que consumiam bebidas alcoólicas a média de idades situa-se nos 13 anos, com um valor mínimo de 12 anos e máximo de 14 anos; aqueles que responderam não consumir bebidas alcoólicas apresentam, uma média de idades de 13.11 anos com um valor mínimo de 12 anos e máximo de 15 anos; já os inquiridos que responderam que raras vezes consomem álcool a média de idades é 14 anos, com um valor mínimo de 12 anos e máximo de 15 anos (tabela 1).

Tabela 1. Medidas estatísticas relativas ao consumo de bebidas alcoólicas por idade

	Média	Desvio Padrão	Intervalo para a Média (nível de confiança de 95%)		Mínimo	Máximo
			Limite Superior	Limite Inferior		
Sim	13,00	1,00	10,52	15,48	12	14
Não	13,11	0,99	12,78	13,44	12	15
Raras vezes	14,00	1,20	13,00	15,00	12	15
Total	13,25	1,06	12,94	13,56	12	15

Relativamente à opinião dos inquiridos sobre o consumo de álcool obtiveram-se os seguintes resultados: quando questionados sobre o consumo de bebidas alcoólicas ser prejudicial para a saúde, 64,58% estão muito de acordo com a afirmação, apenas 4,17% não estão de acordo com a afirmação; quando questionadas se o consumo de álcool ajuda a passar de melhor forma o tempo, 56,25% não estão de acordo com a afirmação, sendo que 27,08% dos inquiridos contrapõem e respondem

positivamente à afirmação; quando são questionados com o facto do consumo de álcool provoca problemas escolares e familiares, 50% estão muito de acordo com a afirmação, 41,67% estão de acordo e apenas 8.33% responderam não estar nada de acordo com a afirmação.

No que respeita aos consumidores e não consumidores de bebidas alcoólicas dos 48 inquiridos, 11 são consumidores de álcool e 37 não consomem, sendo esta diferença estatisticamente significativa de acordo com o teste binomial: valor de prova $p=0,000 < 0,05$ (para um nível de significância de 5%).

Tabela 2. Análise de diferenças significativas para consumidores e não consumidores de bebidas alcoólicas

Binomial Test					
	Category	N	Observed Prop.	Test Prop.	Asymp. Sig. (2-tailed)
Frequência group 1	11	11	,23	,50	,000 ^a
	Group 2	37	,77		
Total		48	1,00		

^a Based on Z Approximation.

No que respeita aos consumidores de álcool quanto ao género temos que dos 11 inquiridos que consomem álcool, 1 é do género feminino e 11 são do género masculino, sendo esta diferença estatisticamente significativa de acordo com o teste binomial: valor de prova $p=0,012 < 0,05$ (nível de significância de 5%).

Segundo a análise realizada para o consumo de tabaco obtiveram-se os seguintes resultados: 12,5% dos indivíduos fumam, 77,08% não fumam e 10,42% fumam raras vezes. No que concerne à idade de início do consumo, verificamos que varia entre os 10 e os 15 anos. Para 11 indivíduos da amostra, verificou-se que 7 fumam apenas um cigarro por dia, 1 fuma 3 cigarros/dia, 1 fuma 5 cigarros/dia e 2 fumam 10 cigarros/dia.

De entre os fumadores 36% são do género feminino e 64% do género masculino. Relativamente ao consumo de tabaco por género temos para o género feminino 5,26% fumam, 78,5% Não fumam, 15,79% fumam raras vezes. Para o género masculino 17,24% fumam, 75,86% não fumam e 6,9% fumam raras vezes.

Tabela 3. Frequência e percentagens de consumidores de tabaco por género

			Fumador			
			Sim	Não	Raras vezes	Total
Género	Feminino	Frequência	1	15	3	19
		Género	5,26	78,95	15,79	100
		% Fumadores	16,67	40,54	60,00	39,6
	Masculino	Frequência	5	22	2	29
		Género	17,24	75,86	6,90	100
		% Fumadores	83,33	59,46	40,00	60,4
Total			6	37	5	48
			12,50	77,08	10,42	100
			100	100	100	100

No que respeita a fumadores e não fumadores temos que dos 48 inquiridos fumadores, 6 são fumadores e 42 não fumadores, sendo esta diferença estatisticamente significativa de acordo com o teste binomial: valor de prova $p=0,000 < 0,05$ (para um nível de significância de 5%).

Relativamente aos fumadores, tendo em conta o género, dos 11 inquiridos fumadores, 4 são do género feminino e 7 do género masculino, sendo que esta diferença não é estatisticamente significativa de acordo com o teste binomial: valor de prova $p=0,548 > 0,05$ (para um nível de significância de 5%).

No que respeita às idades para Fumadores/Não Fumadores/Fumam raras vezes e aplicando o teste de Kruskal-Wallis verifica-se que existem diferenças significativas para a idade média daqueles que não fumam, fumam sempre e fumam raras vezes.

Tabela 4. Análise de diferenças significativas para consumidores de tabaco, não consumidores e consumidores raras vezes.

Ranks				Test Statistics ^{a,b}	
	Fumas	N	Mean Rank		idade
Idade	Sim	6	34,17	Chi-Square	6,909
	Não	37	21,72	df	2
	Raras vezes	5	33,50	Asymp. Sig.	,032
	Total	48			

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Fumas

Relativamente à frequência de consumo de drogas, obtiveram-se os seguintes resultados: anfetaminas, cocaína, heroína e LSD nunca são consumidas pelos inquiridos; 8,3% dos inquiridos consome cannabis uma vez por mês; 2,9% dos inquiridos consome ecstasy ao fim de semana. Podemos ainda verificar, na tabela abaixo, que a percentagem de consumidores de drogas se situa nos 10,42% e de não consumidores 89,58%.

Tabela 5. Número e percentagem dos consumidores de substâncias

	Frequência	Percentagem
Consumidores	5	10,42
Não consumidores	43	89,58
Total	48	100

No que respeita ao consumo de anfetaminas, cannabis, cocaína, heroína, LSD, ecstasy, por género, obtiveram-se os seguintes resultados: nenhum dos inquiridos consome anfetaminas, 3 inquiridos do género masculino e um do género feminino consomem cannabis, nenhum dos inquiridos consome cocaína, nem heroína, nem LSD, sendo que apenas um dos inquiridos do género masculino consome ecstasy.

O consumo das substâncias acima mencionadas, por idade, verificou-se que o inquirido que respondeu que consumia ecstasy tem 13 anos, os que responderam que consumiam cannabis, um tem 14 anos e os restantes três têm 15 anos.

Sobre as razões apresentados pelos inquiridos que os leva a consumir “charros”, 6,25% reconhecem ser pelo facto de poderem ter novas experiências/sensações; sendo que na mesma percentagem responderam que consomem sem ponderar as consequências negativas que podem advir desse consumo; 2,08% afirmam que consomem “charros” pelo desejo de se sentirem bem, porque os amigos e o grupo o fazem, para se relacionarem melhor com as outras pessoas, para se relaxarem e desinibir.

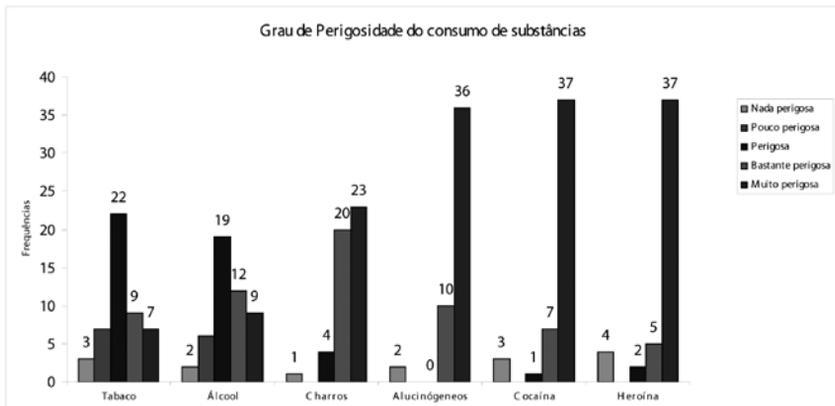
Relativamente aos motivos que os inquiridos apontaram para não consumirem “charros” 40 adolescentes referem o facto de prejudicarem a saúde física e mental, seguidamente reconhecem que o consumo dessa substância poderia provocar problemas pessoais, familiares e escolares, sendo que apenas uma minoria (3) afirma que não consome “charros” porque as drogas são caras.

No que respeita às razões do não consumo de drogas as principais razões apontadas pelos inquiridos são o facto de prejudicarem a saúde física e mental (75%), porque se sentem bem sem esse tipo de drogas

(47.92%), porque podem provocar problemas pessoais, familiares e escolares (33.33%), porque são ilegais (25%), por convicções pessoais de tipo moral (8.33%), porque são caras (4.17%), porque ocupam o tempo de outra forma alternativa às drogas (4.17%) e porque os pais e/ou outros familiares o proibem (2.08%).

No que respeita às questões de opinião sobre a perigosidade percebida que cada inquirido atribui a cada substância os resultados obtidos demonstram que em relação ao tabaco, 22 dos inquiridos consideram-no como uma substância perigosa; relativamente ao álcool 19 dos inquiridos consideram-no como uma substância perigosa; relativamente aos “charros” 23 inquiridos são da opinião de se tratar de uma substância muito perigosa; em relação aos alucinogéneos 36 dos inquiridos consideram tratar-se de uma substância muito perigosa; 37 dos inquiridos consideram a cocaína como uma substância muito perigosa e 37 inquiridos partilham a mesma opinião relativamente à heroína, como podemos observar no gráfico abaixo indicado. Na opinião dos inquiridos a droga mais perigosas é a cocaína, seguida pela heroína, os alucinogéneos, o álcool e por fim o tabaco, como se pode verificar na figura 1.

Figura 1 – Grau de perigosidade percebida do tabaco, do álcool, dos “charros”, dos alucinogéneos, da cocaína e da heroína



Quando solicitamos aos inquiridos a sua opinião acerca de diferentes situações associadas ao consumo de substâncias, constatamos que, relativamente ao facto de fumar um maço de cigarros por dia 62.50% dos inquiridos desaprovam esta situação, em contraposição 10.42% aprovam

esta situação; quanto ao facto de ingerir cinco a seis bebidas alcoólicas no fim-de-semana 39.58% desaprovam e 18.75% aprovam esta situação; ingerir uma ou duas bebidas alcoólicas por dia é desaprovado para 25% dos inquiridos e aprovado por 20.83%; relativamente ao consumo ocasional ou habitual de drogas como o haxixe, o ecstasy e a heroína é desaprovado em grande maioria pelos inquiridos, como se indica na tabela 6.

Tabela 6 – Número e percentagens da opinião dos inquiridos relativamente a diferentes situações de consumo de substâncias

	Aprovo		Nem aprovo, nem desaprovo		Desaprovo	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Fumar um maço de cigarros por dia	5	10,42	13	27,08	30	62,50
Beber 5 a 6 copos de bebidas alcoólicas fim-de-semana	9	18,75	20	41,67	19	39,58
Beber um a dois copos de bebidas alcoólicas por dia	10	20,83	26	54,17	12	25,00
Fumar haxixe/marijuana algumas vezes	3	6,25	7	14,58	38	79,17
Fumar haxixe/marijuana habitualmente	3	6,25	4	8,33	41	85,42
Consumir ecstasy algumas vezes	4	8,33	7	14,58	37	77,08
Consumir ecstasy habitualmente	3	6,25	4	8,33	41	85,42
Consumir heroína algumas vezes	3	6,25	6	12,5	39	81,25
Consumir heroína habitualmente	3	6,25	4	8,33	41	85,42

No que respeita à questão dos problemas resultantes do consumo de álcool, tabaco e outras drogas, os resultados obtidos demonstram que os jovens percebem as consequências do consumo de substâncias da seguinte forma: com alguns problemas (29,17%) para o caso de se fumar um maço de cigarros por dia; beber cinco a seis copos de bebidas alcoólicas ao fim de semana avaliam as consequências com bastantes problemas para 31,25% dos inquiridos; beber um a dois copos de bebidas alcoólicas por dia é avaliado como resultar em alguns problemas (35,42%); fumar haxixe algumas vezes e habitualmente é avaliado pelos inquiridos como resultante de muitos problemas; consumir ecstasy algumas vezes e habitualmente é avaliado pela maioria dos inquiridos como resultante em muitos problemas; consumir heroína algumas vezes e habitualmente é avaliado como ter consequências resultantes em muitos problemas.

Quando questionamos os inquiridos sobre as razões porque o consumo de drogas provoca problemas a maioria das respostas obtidas justificam as seguintes razões: «porque tem graves consequências para a saúde» (64,58%), seguida de «porque destrói o indivíduo» (33,33%), «porque provoca dependência» e «porque provoca graves problemas familiares,

escolares e sociais» para 31.25% dos inquiridos, como é possível observar no figura 2.

Figura 2 – Problemas associados ao consumo de drogas.



Relativamente à informação que os inquiridos possuem, na sua opinião, acerca do consumo de drogas legais ou ilegais, efeitos e problemas associados ao consumo, os dados obtidos indicam que 54,17% dos inquiridos sentem-se perfeitamente informados, enquanto 14,58% responderam estarem relativamente informados acerca desta temática.

À fonte de informação dos jovens, sobre o tema das drogas, 36 inquiridos responderam que obtiveram essa informação através da televisão e outros meios de comunicação, 29 adquiriram a informação na escola e 21 através dos pais e amigos. Quanto à utilidade da informação transmitida, 65,52% dos inquiridos consideram-na muito útil, 31,03% consideram a informação bastante útil e 3,45% consideram a informação relativa ao consumo de drogas pouco útil.

As questões relativas ao comportamento dos inquiridos em diversas situações sob efeito de álcool ou drogas, obtiveram os seguintes resultados: quanto ao facto de os inquiridos conduzirem um veículo sob o efeito do álcool, apenas um respondeu afirmativamente; relativamente à mesma situação mas sob o efeito de drogas todos os inquiridos responderam que nunca conduziram um veículo sob o efeito de drogas.

Relativamente à questão se os inquiridos alguma vez andaram num veículo, como passageiro, com alguém sob o efeito de álcool, as respostas foram afirmativas em 8 inquiridos. À mesma questão, mas em que o condutor se encontrava sob o efeito de drogas as respostas obtidas foram todas no sentido de nenhum inquirido andar num veículo com alguém sob o efeito de drogas.

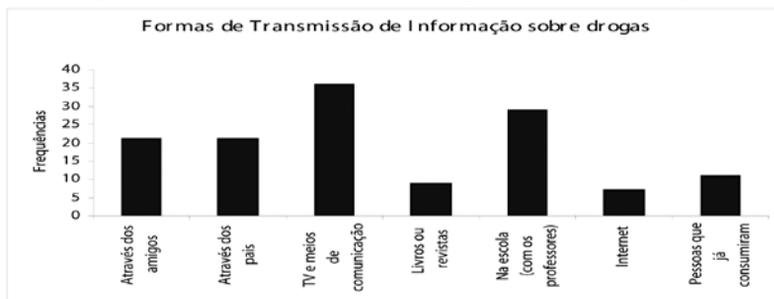
No que respeita à questão se os inquiridos já mantiveram relações sexuais sob o efeito de álcool as respostas indicam que tal situação se

verificou em 16,67% dos inquiridos; já a mesma situação ocorrer sob o efeito de drogas obteve uma resposta afirmativa. Quando questionamos os inquiridos que responderam que mantém relações sexuais sob o efeito de álcool tomarem precauções para evitar uma gravidez indesejada e prevenir a transmissão de doenças, utilizando preservativo, as respostas obtidas indicam que dos oito inquiridos que mantiveram relações sexuais apenas 6 dos inquiridos tomaram precauções.

Relativamente à questão dos problemas resultantes do consumo de álcool, tabaco e outras drogas, os resultados obtidos demonstram que os jovens percebem as consequências do consumo de substâncias da seguinte forma: com alguns problemas (29,17%) para o caso de se fumar um maço de cigarros por dia; para o caso de beber cinco a seis copos de bebidas alcoólicas ao fim de semana 31,25% dos inquiridos avaliam as consequências com bastantes problemas; beber um a dois copos de bebidas alcoólicas por dia é avaliado como resultar em alguns problemas (35,42%); fumar haxixe algumas vezes e habitualmente é avaliado pelos inquiridos como resultante de muitos problemas; consumir ecstasy algumas vezes e habitualmente é avaliado pela maioria dos inquiridos como resultante em muitos problemas; consumir heroína algumas vezes e habitualmente é avaliado como ter consequências resultantes em muitos problemas.

Em relação à fonte de informação dos jovens, sobre o tema das drogas, 36 responderam que obtiveram essa informação através da Tv. e outros meios de comunicação, 29 adquiriram a informação na escola e 21 através dos pais e amigos, de entre outros meios, como é possível observar no figura 3.

Figura 3 – Formas de transmissão de informação sobre o tema das drogas



Relativamente ao grau de dificuldade em arranjar substâncias, e relativamente ao tabaco 43,75% dos inquiridos responderam que arranjariam

tabaco de um modo muito fácil e apenas 8.33% responderam que seria praticamente impossível arranjar tabaco; relativamente às bebidas alcoólicas 35.42% dos inquiridos responderam que muito facilmente conseguiriam arranjar bebidas alcoólicas e 12.5% pensam que tal seria praticamente impossível; relativamente a outras drogas como os “charros”, a cocaína, a heroína, o ecstasy e os alucinogéneos as respostas foram bastante semelhantes como se pode constatar pela tabela 7.

Tabela 7 – Número e percentagens do grau de dificuldade em arranjar substâncias

	Pratica/ impossível		Difícil		Relativa/ fácil		Muito fácil	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Tabaco	4	8,33	12	25,00	11	22,92	21	43,75
Bebidas alcoólicas	6	12,50	13	27,08	12	25,00	17	35,42
Charros	23	47,92	15	31,25	4	8,33	6	12,50
Cocaína	27	56,25	15	31,25	3	6,25	3	6,25
Heroína	25	52,08	17	35,42	2	4,17	4	8,33
Ecstasy	25	52,08	17	35,42	2	4,17	4	8,33
Alucinogéneos	26	54,17	16	33,33	2	4,17	4	8,33

Quando questionamos os jovens sobre as possíveis acções praticadas pelos pares e aqueles com quem costumam conviver, acerca do consumo de substâncias, obtiveram-se os seguintes resultados: relativamente ao consumo de tabaco alguns dos indivíduos com quem se relacionam fumam (54.17%), e apenas 29.17% responderam que aqueles com quem se relacionam não fumam; acerca do consumo de álcool, 39.58% responderam que alguns dos seus amigos consomem bebidas alcoólicas, 14.58% responderam que a maioria o faz, 8.33% responderam que todos os seus amigos consomem álcool e 37.5% respondeu que os amigos não consomem bebidas alcoólicas, sobre o facto dos amigos ficarem embriagados, 62.5% responderam que tal situação nunca sucedeu com os seus amigos e 8.33% responderam que este facto já sucedeu a todos os amigos; relativamente à questão de o grupo de pares consumir drogas como haxixe, cocaína, heroína, anfetaminas, e ecstasy 4.17% dos inquiridos responderam que todos os seus amigos consomem estas substâncias, enquanto que 6.25% responderam que todas as pessoas com quem se relacionam consomem drogas alucinógenas.

Relativamente à questão da legalização das drogas como os “charros”, as drogas de síntese e todas as drogas em geral, as respostas obtidas

demonstram que a maioria dos inquiridos não concorda com a legalização das drogas.

Tabela 8 – Números e percentagens da opinião dos inquiridos acerca da legalização das drogas

	Charros		Drogas de síntese		Todas as drogas	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Sim	15	31,25	12	25	12	25
Não	33	68,75	36	75	36	75
Total	48	100	48	100	48	100

Quando relacionadas as variáveis grau de perigosidade das substâncias com a frequência de consumo obteve-se, para o tabaco, e aplicando o teste de Kruskal Wallis, que não existem diferenças estatisticamente significativas em relação à percepção do grau de perigosidade do consumo de tabaco, tendo em conta o nível de consumo desta substância: $p=0,134 > 0,05$.

Observando a tabela de contingência (tabela 9), verificamos que são efectivamente os não consumidores que têm uma percepção média/alta do grau de perigosidade desta substância. Contudo, o teste não considera estas diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 9 – Tabela de contingência grau de perigosidade do tabaco vs frequência de consumo

Fumas * GPTabaco Crosstabulation						
			GPTabaco			Total
			Baixa	Média	Alta	
Fumas	Sim	Count	3	2	1	6
		% within GPTabaco	30,0%	9,1%	6,3%	12,5%
	Não	Count	5	18	14	37
		% within GPTabaco	50,0%	81,8%	87,5%	77,1%
	raras vezes	Count	2	2	1	5
		% within GPTabaco	20,0%	9,1%	6,3%	10,4%
Total		Count	10	22	16	48
		% within GPTabaco	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Relativamente ao grau de perigosidade do álcool e aplicando o mesmo teste verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas em relação à percepção do grau de perigosidade do consumo de álcool, tendo em conta o nível de consumo desta substância: $p=0,011 < 0,05$, sendo os não consumidores aqueles que têm uma percepção média/alta do grau de perigosidade desta substância.

No que respeita ao grau de perigosidade dos “charros” verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas em relação à percepção do grau de perigosidade do consumo desta substância, tendo em conta o nível de consumo desta substância: $p=0,481 > 0,05$, verificando-se ainda que o grupo de não consumidores tem elevada percepção do grau de perigosidade desta substância.

Relativamente ao grau de perigosidade do ecstasy e aplicando o teste de Kruskal Wallis, verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas em relação à percepção do grau de perigosidade do consumo de ecstasy, tendo em conta o nível de consumo desta substância: $p=0,000 < 0,05$, tendo os não consumidores um elevado grau de percepção da perigosidade do consumo desta substância.

Relacionando o grau de perigosidade de substâncias com o nível de informação que os inquiridos possuem acerca das substâncias e aplicando o teste de Kruskal-Wallis verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas quanto à percepção do grau de perigosidade do consumo das distintas substâncias para os diferentes níveis de informação (perfeitamente informado, suficientemente informado, relativamente informado, mal informado): $p > 0,05$ em todas as situações, verificando-se que na generalidade, independente do grau de informação, os inquiridos têm um elevado grau de percepção da perigosidade do consumo de cada substância.

Relacionando as variáveis grau de perigosidade das substâncias com o género e aplicando o teste de Mann-Whitney verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas ($p=0,031$) quanto à percepção do grau de perigosidade do consumo de tabaco, entre homens e mulheres. De facto, os elementos do género masculino parecem ter uma menor percepção do grau de perigosidade do consumo de tabaco. Observa-se que todas as inquiridas de género feminino têm um grau médio/alto de percepção de perigosidade do consumo de tabaco. No que respeita ao grau de perigosidade do álcool e aplicando o teste de Mann-Whitney verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p=0,150$) quanto à percepção do grau de perigosidade do consumo de álcool, entre homens e mulheres.

Relativamente ao grau de perigosidade dos “charros” e aplicando o teste de Mann-Whitney verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p=0,984$) quanto à percepção do grau de perigosidade do consumo de charros, entre o género masculino e o género

feminino, havendo por parte de ambos os géneros um elevado de grau de percepção dos riscos associados ao consumo de “charros”.

Cruzando a variável grau de perigosidade dos alucinogéneos com o género e aplicando o teste de Mann-Whitney verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p=0,247$) quanto à percepção do grau de perigosidade do consumo de alucinogéneos, entre homens e mulheres, verificando-se em ambos os géneros um elevado de grau de percepção dos riscos associados ao consumo de alucinogéneos.

Relativamente à relação grau de perigosidade da cocaína com o género verificamos que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p=0,095$) quanto à percepção do grau de perigosidade do consumo de cocaína, entre homens e mulheres. Existe por parte de ambos os géneros um elevado de grau de percepção dos riscos associados ao consumo de cocaína.

No que respeita ao grau de perigosidade da heroína, aplicando o teste de Mann-Whitney, verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas ($p=0,036$) quanto à percepção do grau de perigosidade do consumo de heroína, entre homens e mulheres. Existe por parte de ambos os géneros um elevado de grau de percepção dos riscos associados ao consumo de heroína.

Tabela 10 – Tabela de contingência grau de perigosidade da heroína vs género

			GPHeroína Crosstabulation			Total
			Baixa	Média	Alta	
genero	Feminino	Count	0	0	19	19
		% within GPHeroína	,0%	,0%	45,2%	39,6%
	Masculino	Count	4	2	23	29
		% within GPHeroína	100,0%	100,0%	54,8%	60,4%
Total		Count	4	2	42	48
		% within GPHeroína	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

4. DISCUSSÃO

Os principais objectivos desta investigação foram analisar as taxas de consumo de álcool, tabaco e outras substâncias (legais e ilegais) em estudantes do ensino secundário; analisar as diferenças de consumo de álcool, tabaco e outras substâncias em função do género, da idade, das pessoas com quem os adolescentes residem; verificar a relação existente entre a percepção do risco e o consumo efectivo de drogas; analisar a

percepção que os adolescentes têm no que respeita à possibilidade de acesso às diferentes substâncias e avaliar a percepção do risco associado ao consumo de drogas.

Os resultados obtidos relativamente à análise das taxas de consumo de álcool, tabaco e drogas indicam que 6.25% dos inquiridos consomem regularmente bebidas alcoólicas, 16.67% consomem bebidas alcoólicas raras vezes e 77.08% não consomem bebidas alcoólicas; 12.5% dos inquiridos fumam habitualmente, 10.42% fumam raras vezes e 77.08% não fumam; 8.33% consomem drogas e 91.67% não consomem drogas.

Através dos procedimentos efectuados concluímos que são de facto os não consumidores que apresentam uma maior percepção do risco associado ao consumo de substâncias (Chomynova et al., 2009). No caso do tabaco os consumidores apresentam uma baixa percepção relativamente ao grau de perigosidade desta substância, enquanto que a maioria dos não consumidores apresentam uma percepção média/alta relativamente ao grau de perigosidade do tabaco; no caso do consumo de bebidas alcoólicas os consumidores apresentam uma baixa percepção do risco desta substância enquanto os não consumidores apresentam uma percepção do risco média/alta, tendo-se verificado que existem diferenças estatisticamente significativas em relação à percepção do risco do consumo do álcool, tendo em conta o nível de consumo desta substância.

Relativamente ao consumo de drogas, e no caso dos “charros” tanto os consumidores como os não consumidores apresentam uma percepção do risco alta; no caso do ecstasy os consumidores desta apresentam uma baixa percepção de risco, enquanto os não consumidores apresentam alta percepção do risco de consumo de ecstasy.

Também podemos verificar que a experimentação destas substâncias é iniciada cada vez mais precocemente. Uma das possíveis causas destes resultados será a falta de informação acerca das consequências do consumo das substâncias, ou a vulnerabilidade dos adolescentes em cederem à experimentação. Uma possível solução para este problema passa por adequar os programas preventivos às populações alvo e fazer as intervenções cada vez mais em idades precoces.

No que respeita ao consumo de álcool, tabaco e drogas por género, existem diferenças estatisticamente significativas quanto à percepção do risco do consumo de tabaco entre o género feminino e masculino. Na amostra recolhida 5.26% dos fumadores são do género feminino, enquanto 17.24% são do género masculino, sendo que esta diferença não é estatisticamente significativa, como descrevem Delgado y col. (2005).

Em relação ao consumo de tabaco comprovou-se que os sujeitos do género masculino tendem a apresentar baixa percepção do risco associado ao consumo de tabaco. Verificou-se que todos os sujeitos do género feminino têm um grau médio/alto de percepção do risco associado ao consumo desta substância.

No caso do consumo de álcool não existem diferenças estatisticamente significativas quanto à percepção do risco do consumo quer no género feminino, quer no género masculino. Os dados obtidos relativamente ao consumo desta substância foram para o género feminino os seguintes: 94.74% não consome bebidas alcoólicas e 5.26% consomem bebidas alcoólicas raras vezes; no género masculino 10.34% consomem bebidas alcoólicas, 24.14% consomem bebidas alcoólicas raras vezes e 65.52% não consomem bebidas alcoólicas.

No que respeita ao consumo de drogas, verificamos não existem diferenças estatisticamente significativas quanto à percepção do risco de consumo destas substâncias entre sujeitos do género masculino e do género feminino. No entanto, não podemos generalizar estes resultados, dado o reduzido número da amostra em estudo e das reduzidas taxas de consumo destas substâncias.

No que respeita à informação que os indivíduos possuem acerca do consumo de drogas e suas consequências, obtivemos 54.17% de sujeitos perfeitamente informados (na sua opinião) sobre esta temática, 31.25% de sujeitos suficientemente informados e 14.58% de sujeitos relativamente informados. Quando cruzamos o grau de perigosidade das substâncias com o grau de informação que os inquiridos possuíam não se obtiveram diferenças estatisticamente significativas quanto à percepção do risco de cada substância para os diferentes níveis de informação.

De um modo geral em todas as substâncias avaliadas (álcool, tabaco, charros, ecstasy, alucinogéneos, heroína e cocaína) a percepção do risco destas substâncias é em todas elas médio/alto, independentemente de os inquiridos possuírem maior ou menor nível de informação. Uma das causas possíveis destes resultados poderá ser que apesar dos sujeitos não possuírem informação concreta acerca das diferentes substâncias, têm inculcida a ideia de que correm riscos se eventualmente consumirem algumas das substâncias.

Mais uma vez é importante realizar programas específicos para a idade dos sujeitos e o seu nível de entendimento do assunto em causa. É também um factor crucial avaliar a informação que os sujeitos possuem a priori, e corrigir determinadas ideias que poderão não ser as mais

correctas acerca do assunto, simplificar o processo de transmissão de informação e avaliar posteriormente a informação retida pelos sujeitos e adequa-la especificamente a cada caso/situação, tendo em conta as características pessoais, culturais e sociais dos sujeitos e do meio em que se inserem.

Em resumo, os resultados obtidos com este trabalho confirmam que a percepção do risco associado ao consumo de substâncias é maior nos não consumidores do que nos consumidores; existem diferenças de género no que concerne à taxa de consumo de substâncias, nomeadamente no caso do álcool, tabaco e determinadas substâncias ilegais, ficando patente que há uma tendência para o início da fase de experimentação ocorrer em idades cada vez mais precoces, em que os indivíduos justificam os seus consumos com a sensação de novas experiências e emoções, porque no grupo de pares em que os adolescentes se inserem já há hábitos de consumo; por “receio” de ser rejeitado pelo grupo devido ao facto de não partilharem os consumos; porque está na moda, entre outras justificações. Há a tendência para desvalorizar e minimizar as consequências dos consumos.

Tendo em conta todos estes aspectos e tendo presente a natureza multicausal do consumo de substâncias durante a adolescência, é inequívoco que os programas de intervenção foquem essencialmente a alteração dos factores de risco, focando os factores de protecção (Carvalho, 1991). O modo mais adequado de intervir deve ser “programado” tendo em conta o grupo alvo, o género, as idades compreendidas, as características sócio-culturais, baseando-se em modelos teóricos consistentes, validados por dados científicos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Carvalho, J. N. (1991) «Programas de prevenção sobre drogas: modelos e resultados» In *Cadernos de consulta psicológica*, Vol. 6, pp. 41-53.
- Delgado, B., Bautista, R., Inglês, C.J., Espada, J.P., Torregrosa, M.S., & García-Fernández, J.M. (2005). Diferencias de género en el consumo de alcohol y tabaco de estudiantes de educación secundaria obligatoria. *Salud y Drogas*, 5 (2), 55-66.
- Espada, J.P., Griffin, K.W., Botvin G.J., & Méndez, X. (2003). Adolescencia: consumo de alcohol y otras drogas. *Papeles del Psicólogo*, 84, 9-17.
- Jessor, R. (1998). *New Perspectives on Adolescent Risk Behavior*, New York: Cambridge Univ. Press.
- Jessor, R., Costa, F.M., Krueger, P.M., & Turbin, M.S. (2006). A Developmental Study of Heavy Episodic Drinking Among College Students. *Journal of Studies on Alcohol* 67,1, 86-94.
- Hibell, B., Guttormsson, U., Ahlström, S., Balakireva, O., Bjarnason, T., Kokkevi, A. & Kraus, L. (2009): The 2007 ESPAD Report - Substance Use Among Students in 35 European Countries. The Swedish Council for Information on Alcohol and Other Drugs (CAN). Stockholm: Sweden.
- Chomynova, P., Miller, P. & Beck, F. (2009). Perceived risks of alcohol and illicit drugs: relation to prevalence of use on individual and country level. *Journal of Substance Use*, 14, 2, 254-263.